

ARQUITETURA COMO LINGUAGEM: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA PEIRCEANA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Renata Benedetti Mello Nagy Ramos¹, Rafael Nagy Ramos², Maria Eduarda Nagy Ramos³

*¹Centro Universitário Unigran Capital, Campo Grande, Brasil
(renatanagy@gmail.com)*

²Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Brasil

³Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Brasil

Resumo: Esta pesquisa busca investigar a aplicação da teoria semiótica de Charles Sanders Peirce na análise de imagens arquitetônicas. A metodologia adotada é qualitativa, com uma revisão bibliográfica e documental de Monteiro (2006), Peirce (2017), Santaella (2018) e Ghizzi (2020). Examina a relação entre ícones, índices e símbolos na arquitetura e sua influência na percepção dos espaços construídos e propõe a integração da semiótica no ensino de Língua Portuguesa no curso de Letras.

Palavras-chave: Semiótica; Arquitetura; Linguagem visual; Ensino; Peirce.

INTRODUÇÃO

Ao longo da evolução dos estudos linguísticos, a língua foi conceituada de diversas maneiras, sendo uma das mais proeminentes a sua definição como um fenômeno social, conforme a proposta de Saussure (2008). Saussure compreendia a língua como um sistema de signos, com ênfase no código e na estrutura linguística. Sua análise estava voltada para a organização sistêmica e formal da língua, sem dar prioridade à sua concretização na fala ou ao seu funcionamento nos textos.

A linguagem é uma forma de interação humana, expressa não apenas por palavras, mas também por signos e imagens que carregam significados diversos. No campo da Arquitetura e Urbanismo, a linguagem se manifesta visual e espacialmente, onde as formas construídas comunicam ideias, conceitos e valores culturais. As imagens arquitetônicas têm um potencial semiótico, capaz de criar identidades e transmitir significados que vão além do óbvio e funcional. De acordo com Braida (2009), além de cumprir funções práticas e estéticas, a arquitetura também desempenha um papel na comunicação de mensagens e símbolos, os quais são interpretados de maneiras distintas por diferentes públicos.

A semiótica, nesse contexto, oferece uma estrutura para a análise e interpretação dessas formas de comunicação visuais, permitindo a compreensão dos significados transmitidos pelas obras arquitetônicas. A investigação da linguagem semiótica nas imagens arquitetônicas constitui-se relevante tanto para o campo da Arquitetura e Urbanismo quanto para o ensino aprendizagem de Língua Portuguesa no curso

de Letras. No contexto da Língua Portuguesa, a análise semiótica aprofunda a compreensão da comunicação visual e não-verbal, possibilitando o estudo de novas ferramentas interpretativas pelos estudantes. As imagens arquitetônicas, como representações visuais de ideias, transcendem o caráter meramente ilustrativo e estabelecem um diálogo com o observador, permitindo uma interpretação que ultrapassa o nível visual.

A justificativa desta pesquisa reside na crescente relevância da semiótica no campo da arquitetura contemporânea. Utilizando os conceitos de Charles Sanders Peirce, a pesquisa explora como os signos arquitetônicos, ícones, índices e símbolos, contribuem para a formação de significados e como esses significados influenciam a percepção e interação com os espaços construídos.

Segundo Monteiro (2006), a arquitetura é uma forma de linguagem, na qual símbolos e códigos comunicam conceitos, construindo significados e identidades espaciais. Ghizzi (2020) amplia essa perspectiva ao abordar a arquitetura como prática guiada por hábitos históricos, sujeitos a revisões críticas. Peirce (2017) contribui com sua teoria semiótica, que organiza a relação entre signos e objetos em uma estrutura triádica: primeiridade (relação com o objeto), secundidade (representação do objeto) e terceiridade (interpretação pelo observador), aplicando-a à análise de signos arquitetônicos.

Metodologicamente, o estudo é qualitativo, bibliográfico e documental. A pesquisa qualitativa, conforme Lüdke e André (1986), utiliza o ambiente natural como fonte de dados, com o pesquisador como



principal instrumento de coleta. A pesquisa bibliográfica revisa a literatura sobre teorias relevantes e orienta o pesquisador para informações desejadas (Pizzani, 2012). A pesquisa documental, segundo May (2004), contextualiza documentos em uma estrutura teórica para compreensão adequada do conteúdo.

A pesquisa visa trazer novas perspectivas sobre a aplicação da semiótica na análise de imagens arquitetônicas, esclarecendo os processos de comunicação não-verbal na prática arquitetônica. Para o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, essa abordagem oferece uma oportunidade para aprofundar o estudo das linguagens visuais, integrando-as ao estudo das linguagens verbais e ampliando o entendimento sobre a construção de significados.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, foram utilizadas fontes bibliográficas e documentais, como livros, artigos e dissertações, acessadas por plataformas como Google Acadêmico, Scielo e repositórios científicos. A busca focou em estudos sobre semiótica e arquitetura, com ênfase nos conceitos de Peirce e Lúcia Santaella. A análise visou identificar como as imagens arquitetônicas produzem significados e como a semiótica contribui para a interpretação dessas imagens.

A semiótica, especialmente pelos estudos de Peirce, oferece ferramentas para analisar como as imagens representam e constroem significados e narrativas. A arquitetura carrega significados que podem ser interpretados de forma semelhante a textos literários, considerando estruturas, símbolos e contextos. Associar semiótica e arquitetura em um curso de Letras pode enriquecer a formação do estudante, oferecendo uma compreensão mais ampla dos processos de significação e desenvolvimento de habilidades críticas.

O objetivo desta pesquisa, portanto, é investigar como a semiótica peirceana pode ser aplicada na análise de elementos arquitetônicos, identificando suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa. A pesquisa visa explorar como a interpretação de signos visuais pode enriquecer a compreensão crítica e analítica de linguagens visuais e não-verbais, promovendo uma abordagem interdisciplinar no ensino e ampliando a leitura de significados no contexto educacional.

MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, fundamentada em procedimentos bibliográficos e documentais. A abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender os processos de significação presentes nas imagens arquitetônicas, considerando sua dimensão simbólica, interpretativa e contextual.

Do ponto de vista epistemológico, o estudo ancora-se na semiótica peirceana, que compreende o signo como elemento mediador entre objeto e interpretante (Peirce, 2017). Essa perspectiva permite analisar a arquitetura como linguagem, inserida em processos culturais e comunicacionais, conforme discutido por Santaella (2005; 2018).

O delineamento metodológico foi estruturado em três etapas interdependentes: levantamento teórico, definição do corpus e análise semiótica.

A primeira etapa consistiu na revisão bibliográfica sistematizada, realizada em bases acadêmicas, com foco em produções que abordam semiótica, arquitetura, linguagem e educação. Foram priorizadas obras que discutem os conceitos de signo, semiose, multiletramentos e leitura de imagens, visando fundamentar a articulação entre Linguística, Letras e Artes.

Na segunda etapa, procedeu-se à definição do corpus analítico, composto por imagens de obras arquitetônicas de reconhecida relevância. Os critérios de seleção incluíram:

- a) expressividade formal e potencial icônico;
- b) inserção em contextos socioculturais distintos;
- c) relevância no campo da arquitetura contemporânea;
- d) recorrência em estudos teóricos.

Com base nesses critérios, foram selecionadas três obras: Museu Guggenheim Bilbao, Museu Oscar Niemeyer e Ópera de Sydney. Essas construções apresentam características que permitem a identificação das categorias semióticas e a análise de processos de significação.

A terceira etapa consistiu na análise das imagens, realizada por meio da articulação entre a teoria de Peirce (2017) e a metodologia de leitura de imagens proposta por Gervereau (2007). O procedimento analítico foi estruturado em três níveis:

- a) Nível descritivo (ver): identificação dos elementos formais, como volumetria, materiais, geometria e composição espacial, considerando também o contexto de inserção da obra;
- b) Nível interpretativo (compreender): análise dos significados atribuídos às imagens, considerando aspectos históricos, culturais e sociais, bem como o papel do observador no processo de interpretação;
- c) Nível analítico (analisar): categorização dos elementos segundo a tríade peirceana (ícone, índice e símbolo), evidenciando os processos de produção de sentido.

Como estratégia de sistematização dos dados, foi elaborado um quadro comparativo, permitindo



identificar padrões de significação e estabelecer relações entre as obras analisadas.

A articulação entre referencial teórico e análise empírica possibilitou compreender a arquitetura como linguagem multissemiótica, contribuindo para sua aplicação no ensino de Língua Portuguesa, especialmente no desenvolvimento de competências relacionadas à leitura crítica e interpretação de textos multimodais, conforme orientações da BNCC (Brasil, 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das obras arquitetônicas selecionadas foi conduzida com base na estrutura triádica da semiótica peirceana, articulando os níveis de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, conforme proposto por Peirce (2017). Essa abordagem possibilitou compreender a arquitetura como linguagem multissemiótica, na qual os processos de significação emergem da relação entre forma, contexto e interpretação.

No nível da Primeiridade, observou-se que as três obras apresentam forte expressividade formal, marcada por qualidades sensoriais que operam de maneira imediata na percepção do observador. O Museu Guggenheim Bilbao coloca em destaque o dinamismo por meio de suas superfícies curvas e metálicas; o Museu Oscar Niemeyer destaca-se pela iconicidade da forma do “olho” e pela plasticidade do concreto; e a Ópera de Sydney apresenta uma composição orgânica que remete a conchas ou velas.

Na Secundidade, verificou-se que as obras estabelecem relações diretas com seus contextos. O Guggenheim Bilbao atua como índice da requalificação urbana; o Museu Oscar Niemeyer expressa a modernidade brasileira; e a Ópera de Sydney é marcado por sua integração com o ambiente marítimo.

Na Terceiridade, emergem os significados simbólicos, construídos por convenções culturais. As obras tornam-se símbolos de identidade, inovação e representação cultural, conforme discutido por Santaella (2018).

Essas obras foram escolhidas por sua relevância cultural e arquitetônica, além de suas características singulares, que exemplificam os conceitos semióticos aplicados. O Museu Guggenheim Bilbao, projetado por Frank Gehry, é um marco da arquitetura contemporânea e um exemplo de desconstrutivismo. Suas formas curvas e materiais inovadores desafiam as convenções tradicionais e simbolizam a transformação urbana e cultural de Bilbao. O Museu Oscar Niemeyer, localizado em Curitiba e projetado pelo renomado arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer, é

conhecido por suas formas futuristas e uso expressivo do concreto, representando a inovação e a criatividade na arquitetura brasileira. A Ópera de Sydney, projetada por Jørn Utzon, é um ícone mundial. Suas velas brancas e estrutura única simbolizam a identidade cultural de Sydney e a integração harmoniosa entre a arquitetura e o ambiente natural.

Segundo Santaella (2018), que utiliza a semiótica peirceana para analisar signos em suas dimensões icônica, indicial e simbólica, obras arquitetônicas são sistemas de significação que vão além de sua materialidade. O ícone se assemelha ao objeto: o Guggenheim, por exemplo, com suas formas curvas e fluidas, evoca elementos orgânicos e representa o desconstrutivismo. O índice, pela relação de causa e efeito, reflete a transformação urbana de Bilbao, fazendo do edifício um símbolo das mudanças culturais e sociais. O símbolo, enquanto convenção, transforma o Guggenheim em um ícone global da arquitetura contemporânea.

Teixeira, Matos e Perassi (2011) exemplificam com a fotografia de uma cadeira, que é um signo representando um objeto específico, mas que simboliza a ideia de cadeira e outros objetos de assento, remetendo ao conceito de sentar e descanso. A fotografia envolve, assim, tanto o objeto quanto sua função e simbolismo. A fotografia da cadeira, enquanto signo indicial, resulta da luz refletida pelo objeto material, capturada pela câmera. Quando o observador interpreta a imagem, ela se torna um signo icônico, permitindo comparações por analogia com outras cadeiras. Ambas as análises demonstram como a semiótica de Peirce pode ser aplicada para compreender a profundidade dos signos visuais, tanto na arquitetura quanto em objetos cotidianos.

A forma futurista e o concreto aparente do Museu Oscar Niemeyer, segundo Santaella (2005), são exemplos de ícones arquitetônicos que expressam a liberdade formal de Niemeyer. A imagem do “Olho”, em particular, é um ícone de vanguarda, representando tanto a visão como a inovação na arquitetura brasileira. Uma segunda abordagem refere-se à relação de semelhança entre os espaços sagrados projetados por Niemeyer e certos elementos naturais, como gestos humanos, objetos e a natureza. De acordo com Oliveira e Borda (2019), observa-se que Niemeyer, em alguns de seus projetos de igrejas, explora essas relações. Um exemplo é a forma da Catedral de Brasília, que pode ser associada à imagem de mãos postas em oração.

Santaella (2005) também observa que os índices estão ligados ao contexto. No caso do Museu Oscar Niemeyer, a edificação funciona como um índice da identidade nacional, revelando a essência da modernidade arquitetônica brasileira por meio da utilização de materiais como o concreto e formas



geométricas arrojadas. Simbolicamente, o museu personifica a fusão entre arte e arquitetura. Para Santaella (2001), o símbolo adquire significado por meio do uso e da convenção social. Nesse caso, a obra de Niemeyer simboliza a criatividade e a relevância da arquitetura brasileira no cenário global.

As velas brancas da Ópera de Sydney são, para Santaella (2018), um ícone claro de formas orgânicas que remetem ao movimento das águas e ao ambiente marítimo ao redor. A arquitetura, com seu caráter visual marcante, torna-se um símbolo imediato da cidade e da própria Austrália. Para a autora, o índice liga o objeto ao contexto. No caso da Ópera de Sydney, a obra responde diretamente à paisagem natural do porto, funcionando como um índice da integração harmoniosa entre o ambiente construído e o natural. Simbolicamente, a Ópera é um marco da arquitetura moderna e da identidade cultural australiana. Santaella (2001) afirma que o símbolo é resultado de uma construção social, e a Ópera de Sydney representa, neste sentido, a inserção da Austrália no panorama global, sendo tanto uma manifestação de modernidade quanto de preservação cultural.

Ao analisar três obras arquitetônicas icônicas, como o Museu Guggenheim, o Museu Oscar Niemeyer e a Ópera de Sydney, sob a perspectiva da semiótica peirceana conforme interpretada por Santaella, ressalta-se que os significados integram os níveis icônico, indicial e simbólico. Esses edifícios transcendem sua função prática, oferecendo leituras culturais que ressoam tanto no campo da arquitetura quanto da educação, em especial no ensino de Língua Portuguesa. Ao explorar essa inter-relação, pode-se estabelecer paralelos entre a leitura de imagens arquitetônicas e a leitura textual, revelando como signos visuais e linguísticos criam e comunicam significados culturais.

2.1. Nível Icônico: a Forma como Imagem

Nos estudos de Língua Portuguesa, o nível icônico de Santaella (2005) pode ser utilizado para analisar a relação entre a forma visual e o conteúdo linguístico. Assim como as formas arquitetônicas no Museu Guggenheim, no Museu Oscar Niemeyer e na Ópera de Sydney comunicam visualmente, as imagens e metáforas em textos literários, publicitários ou didáticos cumprem uma função similar. A análise do icônico ajuda os estudantes de Letras a compreenderem como as representações gráficas e visuais nos textos (como ilustrações, diagramação e escolha tipográfica) influenciam a interpretação do conteúdo textual.

É possível, por exemplo, comparar a organização visual de uma página impressa ou digital com a organização espacial de uma obra arquitetônica. Como exemplo prático, pode-se citar o estudo de capas de

livros ou estruturas textuais em gêneros como o conto ou a poesia, analisando como os aspectos visuais contribuem para a criação de significados, da mesma forma que o desenho arquitetônico a percepção de uma obra.

2.2. Nível Indicial: a Linguagem como Índice

O nível indicial, conforme discutido por Santaella, refere-se à capacidade do signo de apontar diretamente para o contexto, funcionando como uma evidência ou traço de algo que está fora dele. Esse conceito está profundamente enraizado na teoria semiótica de Peirce, que define os índices como signos que se conectam ao seu objeto por meio de uma relação causal ou de contiguidade física. Aplicar esse nível de análise à linguagem implica observar como os elementos linguísticos refletem ou respondem aos contextos sociais, históricos e culturais em que são produzidos.

No ensino de Língua Portuguesa, a linguagem como índice permite aos alunos analisarem como textos literários, jornalísticos ou publicitários refletem as realidades socioculturais de suas épocas. Essa abordagem vai além das palavras, mostrando a linguagem como resposta direta ao contexto em que é produzida. Por exemplo, "O Cortiço", de Aluísio Azevedo, retrata as condições urbanas e tensões sociais do final do século XIX, sendo um índice das desigualdades e preocupações da época. A linguagem reflete não somente o ambiente físico, como também questões sociais como exploração e determinismo biológico, funcionando como um espelho da realidade histórica.

Da mesma forma, textos publicitários e jornalísticos atuais podem ser analisados como índices da cultura contemporânea. Por exemplo, campanhas publicitárias que promovem a sustentabilidade e o consumo consciente refletem preocupações sociais crescentes com o meio ambiente e as mudanças climáticas. Aqui, a linguagem publicitária se conecta diretamente a um contexto global de conscientização ambiental, funcionando como um índice dos valores e das tensões presentes em nossa sociedade atual.

A arquitetura, como forma de expressão visual, funciona como um índice dos ambientes que a cercam, e o Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, exemplifica essa relação. Suas formas arrojadas e inovadoras refletem a modernidade e o espírito de inovação do Brasil durante a época de Niemeyer. As linhas curvas e o uso criativo do concreto não se restringem apenas às características do arquiteto, mas também representam o contexto político e cultural de um país em busca de se afirmar como moderno e progressista. Dessa forma, a arquitetura se torna um índice de inovação, assim como textos literários e publicitários representam realidades socioculturais. Essa perspectiva semiótica enriquece o ensino de Língua

Portuguesa, possibilitando uma abordagem mais crítica da linguagem. Ao reconhecer que a linguagem é um índice de seu ambiente social, os alunos investigam os textos com mais atenção aos fatores que influenciam sua produção, aprofundando-se na análise do contexto histórico que configura as obras e suas influências políticas, econômicas e culturais.

Além disso, essa abordagem favorece o desenvolvimento de habilidades de leitura crítica nos alunos. Ao entenderem que os textos não são produzidos em um vácuo, mas sim como respostas a situações concretas, os estudantes podem questionar e problematizar as mensagens implícitas e explícitas contidas nos textos. Esse tipo de leitura também os leva a perceber que os próprios usos da linguagem na vida cotidiana — como as escolhas lexicais em discursos políticos, por exemplo: são índices das crenças, valores e ideologias que permeiam a sociedade.

2. 3. Nível Simbólico: a Linguagem como Convenção

O nível simbólico, segundo a semiótica peirceana, caracteriza-se pela relação entre o signo e seu objeto, mediada por uma convenção estabelecida culturalmente. Assim como as obras arquitetônicas simbolizam identidades culturais (a Ópera de Sydney como símbolo da Austrália ou o Museu Guggenheim como símbolo da renovação cultural de Bilbao), a linguagem escrita ou falada está repleta de símbolos que precisam ser interpretados com base em convenções sociais e culturais. Diferente do ícone, que se baseia em semelhança, e do índice, que aponta para o contexto, o símbolo depende de convenções sociais para ter significado. Na linguagem, essas convenções permitem que palavras e expressões façam sentido em uma comunidade linguística. O símbolo vai além da representação de objetos, operando no campo abstrato e subjetivo, ligado ao conhecimento cultural e histórico dos falantes. No contexto educacional, a análise simbólica da linguagem ajuda os alunos a entenderem como os significados são construídos. Estudando metáforas e figuras de linguagem, eles percebem o valor simbólico em textos literários e políticos. Obras como "A Metamorfose", de Kafka, e "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa, utiliza símbolos para transmitir valores, ideologias e experiências humanas, permitindo uma leitura crítica e contextualizada (Vital, 2024).

Com o objetivo de sistematizar a análise e destacar os padrões de significação identificados, elaborou-se o quadro analítico a seguir:

Tabela 1. Análise semiótica de obras arquitetônicas com base nas categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade

Obra	Primeiridade (qualidade sensível)	Secundidade (relação com o contexto)	Terceiridade (interpretação simbólica)
Museu Guggenheim Bilbao	Formas curvas, superfícies metálicas, fluidez	Requalificação urbana e transformação econômica	Símbolo global da arquitetura contemporânea
Museu Oscar Niemeyer	Forma do "olho", concreto aparente, plasticidade	Expressão da modernidade brasileira	Identidade cultural e criatividade nacional
Ópera de Sydney	Formas orgânicas, conchas/velas, leveza visual	Integração com o ambiente marítimo	Símbolo cultural da Austrália

Fonte: Elaborado pelos autores (2026), com base em Peirce (2017) e Santaella (2018).

A sistematização apresentada na Tabela 2 evidencia que os processos de significação arquitetônica operam de maneira integrada entre os três níveis semióticos. A Primeiridade estabelece a base perceptiva, a Secundidade conecta a obra ao mundo físico e social, e a Terceiridade consolida os significados culturais.

Do ponto de vista crítico, destaca-se que a interpretação semiótica é condicionada ao repertório sociocultural do observador, o que implica múltiplas possibilidades de leitura. Essa característica aproxima a análise arquitetônica da leitura literária, reforçando a pertinência da abordagem no campo das Letras. Além disso, a análise demonstra a necessidade de superar abordagens exclusivamente formais na arquitetura, incorporando dimensões simbólicas e culturais. Essa perspectiva amplia a compreensão das obras e contribui para uma leitura mais complexa dos espaços construídos.

No contexto do ensino de Língua Portuguesa, a aplicação da semiótica permite articular diferentes níveis de leitura. A Primeiridade relaciona-se à percepção dos elementos formais do texto; a Secundidade, ao contexto de produção; e a Terceiridade, à interpretação crítica e simbólica. Essa correspondência favorece o desenvolvimento de competências de leitura multisemiótica, conforme orienta a BNCC (Brasil, 2018).

Como contribuição científica, este estudo apresenta um modelo analítico replicável para a leitura de imagens arquitetônicas, articulando teoria semiótica e prática pedagógica. Essa proposta fortalece o diálogo entre Arquitetura, Linguística e Letras, ampliando as possibilidades de investigação interdisciplinar.

CONCLUSÃO

A análise desenvolvida ressaltou que a arquitetura pode ser compreendida como linguagem



multissemiótica, na qual os processos de significação se estruturam a partir da articulação entre Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, conforme a teoria de Peirce (2017). A sistematização apresentada no quadro analítico permitiu demonstrar, de forma objetiva, como as qualidades sensíveis, as relações contextuais e as interpretações simbólicas operam de maneira integrada na construção de sentidos das obras arquitetônicas.

Os resultados indicam que, no nível da Primeiridade, as formas, materiais e composições visuais atuam como elementos fundamentais para a apreensão inicial das obras, estabelecendo uma base perceptiva para a significação. Na Secundidade, a inserção das edificações em seus contextos históricos, culturais e urbanos evidencia a relação entre arquitetura e realidade social. Já na Terceiridade, consolida-se a dimensão simbólica, na qual as obras assumem significados culturais amplos, sendo interpretadas como representações de identidade, inovação e pertencimento.

Essa articulação, evidenciada no quadro analítico, reforça a compreensão da arquitetura como sistema de signos complexo, cuja leitura exige a integração entre percepção, contexto e interpretação. Tal perspectiva amplia os modos de análise tanto no campo da Arquitetura quanto nas áreas de Linguística e Letras, ao reconhecer que a produção de sentido não se restringe à linguagem verbal.

No âmbito educacional, especialmente no ensino de Língua Portuguesa, a pesquisa demonstra que a aplicação da semiótica peirceana contribui para o desenvolvimento de competências relacionadas à leitura de textos multissemióticos. A correspondência entre os níveis semióticos e os processos de leitura textual possibilita uma abordagem pedagógica que integra diferentes linguagens, favorecendo a formação crítica dos estudantes, em consonância com as diretrizes da BNCC (Brasil, 2018).

Como contribuição científica, destaca-se a proposição de um modelo analítico estruturado e replicável, fundamentado na semiótica peirceana e aplicado à leitura de imagens arquitetônicas. Esse modelo, sintetizado no quadro apresentado, possibilita a operacionalização de conceitos teóricos em práticas analíticas, estabelecendo um diálogo consistente entre teoria, análise visual e ensino.

Ressalta-se, contudo, que a interpretação semiótica está condicionada ao repertório cultural do observador, o que implica a existência de múltiplas leituras possíveis. Essa característica, longe de constituir uma limitação absoluta, reforça o potencial da abordagem para a ampliação das perspectivas interpretativas.

Por fim, a pesquisa abre caminhos para investigações futuras que explorem a aplicação da semiótica em diferentes contextos arquitetônicos e educacionais, bem como sua articulação com outras áreas do conhecimento. A ampliação do corpus e o refinamento do protocolo analítico podem contribuir para consolidar essa abordagem como ferramenta relevante para a análise da linguagem visual e para o ensino interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Simone. Aspectos subjetivos relacionados ao Design de Ambientes: um desafio no processo projetual. Universidade do Estado de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Design, Inovação e Sustentabilidade. Belo Horizonte, 2015.
- BELLONI, Maria Luiza. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. *Educação & sociedade*, v. 23, p. 117-142, 2002.
- BRAIDA, Frederico. Design como forma simbólica e como fenômeno de linguagem: uma conceituação possível. In: 5 Congresso Internacional de Pesquisa em Design, 2009, Bauru, SP. Congresso Internacional de Pesquisa em Design (CIPED). Bauru, SP: PPG Design – FAAC – Universidade Estadual Paulista, 2009. p. 2167-2174. Disponível em: https://www2.ufjf.br/frederico_braida/files/2011/02/2009_Design-como-forma-simb%c3%b3lica-e-como-fen%c3%b4meno-de-linguagem.pdf Acesso em 15 ago. 2024.
- BRANDT, Peer A. Thinking and language. A view from cognitive semio-linguistics. 2009.
- CAMPOS, Rodrigo P. Análise dos Signos da Interface Humana do Windows XP. Rio de Janeiro. 2006.
- FLORENZANO, Luciana da Silva; FREIXO, Gisele Montalvão; SANTANA, Ethel Pinheiro. Entre semiótica e estética no patrimônio edificado. FAUUSP, São Paulo, Brasil, v. 28, n. 53, p. e168871, 2021. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.posfauusp.2021.168871. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/168871>. Acesso em: 19 set. 2024.
- GERVEREAU, Laurent. Ver, compreender, analisar as imagens. Lisboa: Edições 70, 2007.
- GHIZZI, Eluiza Bortolotto. Proposições para uma semiótica da arquitetura embasada em uma significação pragmática dos seus conceitos. *Cognitio-Estudos: revista eletrônica de filosofia*, v. 17, n. 2, p. 234-249, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitio/article/view/51316/34081> Acesso em 06 ago. 2024.
- KAFKA, Franz. A metamorfose. Hedra, 2023.



LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

MATOS, Luana Marinho; SOUSA, Petrassi Luiz; AFONSO, Sonia; RIBAS, Luiz Salomão. Semiótica peirciana aplicada à leitura da representação arquitetônica. Arq. Urb, n. 4, p. 116-140, 2010. Semiótica peirciana aplicada à leitura da representação arquitetônica. arq. urb, n. 4, p. 116-140, 2010.

MAY, T. Pesquisa social: questões, métodos e processo. Porto Alegre, Artmed, 2004

MONTEIRO, Marcos Rafael. Notas para a construção de um diálogo entre a arquitetura e a semiótica. 2006.

OLIVEIRA, Fernando Kennedy Braga; BORDA, Luís Eduardo dos Santos. Arquitetura enquanto signo: espaço e luz nos espaços sagrados de Oscar Niemeyer. Triades em Revista: Transversalidades, Design e Linguagens, v. 8, n. 3, p. 46-56, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/triades/article/view/42819> Acesso em: 13 ago. 2024.

PALLASMAA, Juhani. An architecture of seven senses. Questions of perception. Washington: Architecture and Urbanism, 1994.

PEIRCE, Charles S. Semiótica. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PIZZANI, Luciana. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. Editora Companhia das Letras, 2019.

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica? São Paulo: Brasiliense, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. Semiótica aplicada. São Paulo: Thomson, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de linguística geral. Editora Cultrix, 2008.

TEIXEIRA, Julio Monteiro; MATOS, Luana Marinho; PERASSI, Richard. Análise semiótica da imagem de uma cadeira. Estudos Semióticos, v. 7, n. 2, p. 102-109, 2011.

VALIN, Roberta Paredes. O desenho no processo criativo da arte e da arquitetura-Fase 2. 2010. VITAL, Luisa Fernandes. Do simbólico da morte às metáforas da vida em Grande sertão: veredas. 2024.

YAMAGUCHI, Renata Oliveira. Ensino de ciências por investigação sob perspectiva da semiótica

peirceana: análise da deformação do tecido espaço-tempo. 2023.